



GT 035. Etnografia em novos contextos de produção de coletivos indígenas e quilombolas

Levi Marques Pereira (Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD) - Coordenador/a,
Sandro José da Silva (UFES) - Coordenador/a,
Sonia Regina Lourenço (Universidade Federal de Mato Grosso) - Debatedor/a, Leif Ericksson Nunes Grunewald (UFGD) - Debatedor/a

O GT pretende reunir trabalhos de pesquisadores sobre os contextos de produção de coletivos indígenas e quilombolas que contribuam para a discussão de temas como as práticas sociais e os modos de existir a? instituídos, as conexões com o movimento indígena, indigenista e quilombola, bem como as negociações com o Estado dentre outras instituições. Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE ? 2010) mais de um terço da população indígena vive em espaços urbanos, em espaços conhecidos como aldeias urbanas ou como simples moradores da cidade. Outra parte dos indígenas vive em áreas rurais não regularizadas pelo Estado como Terras Indígenas, em acampamentos em margem de rodovias, ou mesmo em áreas tituladas por particulares. Tem-se assim, uma gama variada de contextos e situações nas quais realizam suas formas de existir e que recusam critérios exteriores a estes coletivos, como o ?marco temporal?. O fenômeno das ?retomadas? indígenas e quilombolas, em suas múltiplas implicações e significações, aponta para a movimentação política de recuperação de terras expropriadas, mas também expressa mudanças de postura frente ao Estado e a sociedade nacional, envolvendo processos intrinsecamente conectados com o reposicionamento do próprio coletivo em relação às suas formas de expressão e práticas culturais. O GT pretende reunir pesquisadores do campo da etnologia indígena e/ou comunidades quilombolas que tragam contribuições para esse debate.

O sonho da terra: crônicas na territorialidade Avá e Guarani nas linhas do habitar

Autoria: Renan Pinna Nascimento

O debate da territorialidade guarani no Oeste do Paraná passa por um embate identitário produto de marcos identitários e territoriais engendrados pela Itaipu Binacional e pelo Estado. De um lado estão os "índios de Guaíra" que nos últimos dez anos retomaram mais de 10 territórios tradicionais na região. De outro lado estão os "índios de Itaipu" que são os Avá-Guarani que fazem parte do processo de "compensação" de terras que a Itaipu reconheceu danos a partir do alagamento da antiga aldeia de Jacutinga. Esses marcos identitários carregam em si diferentes atributos de presença tradicional no território guarani no Oeste do Paraná. Sendo que, os "índios de Guaíra" não são reconhecidos como índios Avá-Guarani e são tidos pela Itaipu Binacional como índios que vieram do Mato Grosso do Sul e do Paraguai, e que nunca habitaram a região. Portanto, não foram se quer afetados pela construção da hidrelétrica de Itaipu, interpretação que passa ainda pela afirmação que a cidade de Guaíra não foi atingida pelo alagamento. Por outro lado, os "índios de Itaipu" são aqueles que fazem parte do Programa Água Boa, e que foram compensados pela compra de três áreas de terras reservadas ao uso exclusivo dos indígenas, conhecidas como "reservas de Itaipu". Com isso, o processo histórico de recuperação de terras tradicionais no Oeste do Paraná, na maioria das vezes, desde os anos 80, passou pela ocupação de áreas que eram reservadas a Itaipu como área de proteção ambiental. Com as retomadas no extremo oeste do estado do Paraná, se consolidou dois tipos de táticas guarani, que estão posicionados frente a reivindicação de terras perante instituições distintas. Os Avá-Guarani do rio acima, na região de Guaíra, buscam pela retomada de terras um processo de reivindicação de demarcação de terras frente ao Estado, e de outro lado, estão os que buscam pela ocupação de terras



reservadas as áreas de proteção permanente da Itaipu, o modo de reivindicação de terras frente a Itaipu e ao Governo do Estado, como modo de compensação às áreas indígenas afogadas pelo alagamento do lago de Itaipu com a construção da hidrelétrica nos anos 80. Nesse sentido, o habitar e as relações entre os Avá e Guarani do rio acima e do rio abaixo, revelam distintas estratégias de reivindicação do território, e com isso uma conexão entre os que estão rio acima e rio abaixo que sempre existiu, ainda que isso seja negado por fontes institucionais. Nesse work, pretendo abordar essas questões, de como as retomadas e as ocupações se configuram ambas, como formas sociais de habitar o mundo segundo entendimentos complementares, e como essas reivindicações não são somente uma forma de garantir um documento frente a Itaipu Binacional ou ao Estado nacional, mas para além disso, como modo de "territorializar" a vida.

[Trabalho completo](#)



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

